



Entrevista com Tatiana Duarte

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Marcelo Pires

Transcrição e revisão: Nicole Maciel

Quando iniciou sua carreira como professora da Faculdade de Agronomia, em 2015, Tatiana da Silva Duarte ainda não tinha noção de todas as possibilidades que a extensão poderia trazer para a sua trajetória profissional. Dez anos depois, tudo mudou: as vivências extensionistas hoje fazem parte de sua rotina, e sua paixão pela extensão é transmitida aos alunos e colegas docentes em cada uma delas. A coordenadora do Programa de Extensão Horticultura Urbana recebeu a equipe da *Revista da Extensão* em um agradável dia de final de inverno, com muito sol, na Faculdade de Agronomia, seu inspirador local de trabalho. Nesta conversa, Tatiana conta como ocorreu essa evolução, desde sua formação como agrônoma, passando pela pesquisa, até descobrir a extensão - o que ocorreu aqui, na UFRGS. Falamos também sobre a participação de seus projetos em eventos extensionistas e até de uma inusitada e marcante árvore de Natal, construída por ela e seus bolsistas em 2018. Vale a pena conferir!

Revista da Extensão: Vamos começar falando da tua trajetória. O que te levou para a Agronomia?

Tatiana Duarte: Eu sou filha de engenheiro agrônomo e morei anos numa estação experimental em Júlio de Castilhos, a antiga Fepagro (NR: Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária). Foram mais de dez anos naquela estação. Acho que filho de peixe peixinho é... ao menos no meu caso. Segui essa carreira pelo contato com a natureza, com o campo, com a produção.

Revista da Extensão: Tu estudaste aqui na UFRGS?

Tatiana Duarte: Não, eu fiz a graduação na UFSM e a minha pós-graduação, mestrado e doutorado, na UFPEL. Conheci a UFRGS como docente mesmo. Entrei em 2015.

Revista da Extensão: E desde então sempre

esteve ligada à extensão?

Tatiana Duarte: Não.

Revista da Extensão: Tiveste contato na graduação, como estudante?

Tatiana Duarte: Também não. O meu caminho de graduação sempre foi muito vinculado à iniciação científica, talvez por falta de estímulo daquele momento político dentro das universidades. Naquela época, o meu entendimento de extensão eram sempre cursos, ou seja, eu não tinha entendimento nenhum. Na UFRGS, quando iniciei fazendo atividade extensionista, propus um curso de palestras, para que tu vejas como a minha compreensão era limitada. Quando fiz a proposta para acessar a universidade como professora, na parte de extensão pensei em curso também. No entanto, tive a oportunidade de conhecer a professora Ingrid Barros, que era colega na mesma área, no mesmo

departamento. Ela me chamou para trocar uma ideia comigo, e trouxe o tema da agricultura urbana. Eu vinha de um contexto muito rural, morando em cidades pequenas. Quando chego a Porto Alegre, me deparo com essa temática, e diante de uma professora experiente, com caminhada - ela é quem fundou o Programa de Extensão Horticultura Urbana e Promoção Socioeconômica e Segurança Alimentar. Eu dei continuidade ao trabalho dela, me identifiquei muito com o tema, trabalhava também na educação do campo - e trabalho ainda, sou professora do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Na primeira turma a gente fazia essa formação com elas, trabalhávamos muito com essa questão do laboratório vivo, de usar a horta também como uma ferramenta didático-pedagógica para a licenciatura. Aí ela disse: “Tatiana, por que você não faz um curso de formação com professores?”. Ali eu comecei. Então, vieram várias escolas, e eu fui entendendo melhor a extensão e me envolvendo com outros contextos. Hoje eu já nem faço mais curso: faço uma vivência, contato direto com as comunidades, inserindo os estudantes. Fui entendendo a extensão na prática, aqui na UFRGS, que me ensinou, através dos meus colegas e da Pró-Reitoria de Extensão. Tive a oportunidade aqui de me inserir nesse contexto que me formou como professora e como extensionista.

Revista da Extensão: Como foi para ti descobrir que extensão não eram apenas cursos? E ao mesmo tempo descobrir que Porto Alegre tem muita agricultura urbana, já que é uma cidade com enorme área rural?

Tatiana Duarte: Foi uma descoberta fantástica. Foi aí que eu passei a enxergar o papel social da universidade, para além de formar pessoas e futuros profissionais. Eu me vi muito mais dentro disso do que lá na pesquisa, apesar de ter feito iniciação científica e ter sido pesquisadora na EPAGRI (NR: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina) por cinco anos. Consegui entender, inclusive, como amarrar

essas duas ações, às vezes com um pouco de dificuldades, em função da limitação de recursos humanos e financeiros. Foi uma descoberta a partir da minha vivência aqui, da agricultura urbana, por conta de uma série de movimentos que existem na cidade, e a partir do momento em que também me inseri no Fórum de Agricultura Urbana e Periurbana de Porto Alegre, em que comecei a entrar em contato com as comunidades e entender essas demandas. À medida que fui me envolvendo nisso, eu e os alunos criamos paixão, amor, entendimento. Hoje me sinto muito mais extensionista que pesquisadora, apesar de ter vínculo ainda nos programas de pós-graduação. Mas entendo que esta é uma parte da minha atividade docente que me realiza, inclusive, muito mais, às vezes, que a pesquisa.

Revista da Extensão: É impressionante o número de pessoas com quem a gente faz essa mesma entrevista que citam a palavra paixão ao mesmo tempo em que fala de extensão. É algo que entra “no sangue” da pessoa?

Tatiana Duarte: Entra. E no dos alunos também.

Revista da Extensão: E no que a tua trajetória anterior na pesquisa colaborou para te tornares uma extensionista melhor e uma professora melhor? Tu tens vivência em ensino, pesquisa e extensão, afinal de contas.

Tatiana Duarte: Pensando e falando aqui, parece que de alguma forma estamos fazendo terapia (risos). Isso me veio à memória agora. Quando fui pesquisadora na EPAGRI, antes de vir para cá, eu fazia pesquisa aplicada. O foco era desenvolvimento de tecnologia. A gente saía sempre com o agrônomo extensionista, íamos para as comunidades, identificávamos as demandas e eu, como pesquisadora, começava a desenvolver. Mas eu, como já tinha sido professora, dizia sempre “nossa, sinto falta dos estudantes”. Então, comecei a fazer isso com os agricultores: a gente desenvolvia a pesquisa, levava

até eles e validava com eles. Agora, pensando, acho que de alguma forma eu já estava fazendo extensão, não estava dissociada da pesquisa. É como acontece o trabalho dentro da EPAGRI, mas talvez eu me sentia “a pesquisadora”, não tinha compreendido ainda claramente a extensão. A ficha caiu mesmo aqui.



laboratório, mas estava sempre indo lá validar com a comunidade. Ali eu já fazia esse diálogo, mas não tinha clareza. Acho que isso tem a ver um pouco com o meu perfil também: sou uma pessoa de diálogo, eu estava sempre dialogando dentro desses espaços. Não é só produzir conhecimento, publicar. Uma coisa que entendi

também na EPAGRI é que o que me fazia pesquisadora era desenvolver aquilo de um modo que chegasse ao campo e fosse aplicado para mudar vidas. De alguma forma, eu já tinha essa compreensão. Eu não assimilava, não teorizava para mim, mas praticava, de alguma forma.

Revista da Extensão:

Hoje, mais madura e experiente, como tu enxergas a Tatiana de anos atrás? Porque, como pesquisadora, tu precisavas te distanciar de certa maneira do teu objeto de estudo. Mas com a extensão tu te envolves de outra maneira com o trabalho.



Tatiana Duarte: Talvez eu não me enxergasse como uma pessoa integrada à minha pesquisa, mas eu era. Porque, de alguma forma, eu sempre estava indo ter uma vivência. O que acontecia, então? Eu entendia a demanda, voltava para o

Revista da Extensão: Tu te deste conta de que aquilo era extensão quando começaste a trabalhar com agricultura urbana?

Tatiana Duarte: Então, talvez eu esteja me



dando conta agora, nessa nossa conversa, do que anteriormente. Mas talvez só porque eu não tinha me dado conta de que ter o *feedback* das pessoas com as quais realizo minha pesquisa e minha extensão é super importante.

Revista da Extensão: Consideras que isso te torna uma profissional melhor?

Tatiana Duarte: Ah, sim, sem dúvida. Porque se eu não ouvir o *feedback* de alguém, eu não posso mudar, alterar, não vou me modificar e me transformar também.

Revista da Extensão: Todo docente que faz extensão normalmente consegue apaixonar os seus alunos, só que tu começaste a fazer extensão sem exatamente ter clareza disso. Foste descobrindo junto com eles. Como que foi isso? Como tu transmitiste essa paixão no momento em que tu estavas também te apaixonando por extensão?



Tatiana Duarte: Para o aluno, no primeiro momento, tudo é muito prático. O curso de Agronomia, por ter uma carga horária de práticas, visitas técnicas, atividades na estação, tem hoje um perfil bastante urbano. Essas pessoas que entravam no projeto tinham a oportunidade de praticar junto com as comunidades, montando a horta, produzindo, vindo para cá, fazendo a produção de plantas. Acho que isso era o que estimulava. Lógico que, para os alunos que estavam comigo nesse processo, quando a gente foi compreendendo isso mais claramente, tudo se tornou mais poderoso, para ambas as partes. Eu lembro bem, no primeiro ano na escola, todo aprendizado que eu tive, e o aluno que me acompanhou também - entender, como agrônoma, como eu devo agir nesse espaço. E que não é um espaço de produção, como o de um agricultor que vai entregar na CEASA (NR: Centrais de Abastecimento do Rio Grande do Sul) ou na feira, agora é um espaço lúdico. Foram várias transformações que eu tive de ter, até do ponto de vista técnico. Agora, ao fazer uma recomendação de adubação após uma análise de solo, depois que eu for embora, quem vai fazer essa coleta? Quem é o agrônomo da escola que vai dar? Eu entendi que tinha de mudar todo o meu entendimento de prática, e isso me gerou um novo conhecimento. Os alunos que estavam junto foram compreendendo comigo. A gente foi para tantos lugares diferentes, com experiências diferentes, mas o que eu mais percebo no olhar, não só na prática, é o reconhecimento que esses estudantes têm do impacto que o trabalho traz para essas pessoas. Frequentemente ele vem de uma pequena ação, mas a gente se envolve muitas vezes na comunidade. São questões mínimas, do ponto de vista técnico, mas trazem um impacto que vai muito além disso: é o de se ver como alguém que também é capaz de transformar vidas, e de aprender com aquelas pessoas. E posso te dizer que estou aprendendo, aprendendo e aprendendo, cada vez mais. Só continuo.

Revista da Extensão: É um processo de empoderamento contínuo?

Tatiana Duarte: Contínuo. Em diferentes

espaços, diferentes realidades, a gente vai sempre se modificando.

Revista da Extensão: Por falar em realidade, quando vieste para Porto Alegre, tinhas noção do tamanho da agricultura urbana que se fazia por aqui?

Tatiana Duarte: Não. Eu nasci em Santa Rosa, mas minha família morava em Tucunduva. Quando eu tinha quatro anos, minha mãe resolveu voltar para terminar o curso de graduação dela e nos mudamos para Santa Maria. Ficamos dois anos, ela se formou. Meu pai já estava em Júlio de Castilhos e nos mudamos para lá. Santa Maria é minha referência: é onde minha mãe está, onde está minha família, minha avó. Mas eu não sou de lugar nenhum (risos). Porto Alegre é a maior cidade que eu já morei, e eu não tinha noção da demanda pela atividade de agricultura urbana, até porque, antes de chegar aqui, eu estava em um contexto muito diferente. Morava em Ituporanga, capital nacional da cebola, em Santa Catarina, um município pequeno, com aproximadamente 50 mil habitantes, em que a agricultura é muito forte. E muito na minha área, que é olericultura, produção de hortaliças. Era um município rural, com uma das maiores concentrações de tratores por habitante do Brasil. Quando eu cheguei agora e fiz a prova para a seleção de docente, vi que um dos pontos da prova falava em agricultura urbana. Aquilo me chamou muito a atenção, e estudei bastante sobre o tema. Não usei aquele conhecimento no momento da seleção, mas ele foi providencial, pois logo que eu entrei aqui conheci a professora Ingrid. E o nosso departamento, por se chamar de Horticultura, era sempre muito requisitado com alguém pedindo auxílio, algum apoio técnico, seja em escola, unidade de saúde etc. Naquele momento também começou uma articulação para a criação da primeira lei estadual de agricultura urbana do estado, e eu me envolvi. Então, quando fui entendendo a agricultura urbana, via que ela crescia muito em cidades grandes, havia uma relação direta também com a população. Em cidades menores não há tanto impacto como aqui.

Eu fui me adequando e entendendo. Como trabalho com olericultura, produção de hortaliças, eu já tinha o conhecimento técnico. Agora eu tinha de pegar essa técnica e colocar num método de trabalho, dentro do engajamento da extensão, vinculando, de alguma forma, o ensino e a minha pesquisa junto. Então, em função da minha área de conhecimento, considero que foi fácil.

Revista da Extensão: Tu participaste do SEURS 43 (43º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul), que ocorreu no mês de julho, em Lages (SC), na UDESC. Atualmente, trata-se do maior e mais tradicional seminário de extensão do país. Como foi a troca com extensionistas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná?

Tatiana Duarte: Ah, foi fantástico! Muito produtivo, muito rico. Nem falo apenas por mim. Vejo os relatos dos alunos quando vão. Eles voltam cheio de ideias, trocando com os que não foram. Contam sobre os projetos... acho que traz um monte de possibilidades. Quando estamos aqui, a iniciação científica é o “primo rico”, parece não é dada à extensão a mesma visibilidade. Então, quando os estudantes vão a esses eventos, e todo mundo está no mesmo ritmo, eles começam a trocar ideias. Isso os empodera. Os eventos são fantásticos, essenciais, extremamente importantes para quem faz extensão. É uma pena que mais alunos não possam ir. A Helena (NR: bolsista do projeto coordenado por Tatiana que foi selecionado para o SEURS) voltou maravilhada. Todos que vão sempre chegam contando muita história, compartilhando com os colegas.

Revista da Extensão: E tu, desenvolveste alguma ideia a partir do SEURS?

Tatiana Duarte: Primeiramente, gostei muito de algumas atividades das que participei lá. Compreender um pouco como é para Santa Catarina. Acho que, agora pensando, fui com um olhar meio pesquisadora. Eu tinha dúvida sobre o entendimento deles. O que eu percebi, falando do Horticultura Urbana, é que tem muita gente fazendo

ações semelhantes. Participei de algumas oficinas, e é muito parecido. Por isso, o processo não foi nos juntarmos, pois somos muitos em vários lugares, mas aí a gente começa a conversar com alguém que trabalha com uma terapia, com dança, que quer vincular com a natureza e que a gente pode, muitas vezes, vincular também as nossas atividades. Com os colegas da UFRGS, começamos a fazer parceria com o pessoal do Caramelos do Vale. A gente passa a criar um vínculo com as pessoas, mas pode surgir a possibilidade de integrar os trabalhos. Claro, ficou muito numa conversa durante a viagem. Daí a gente chega e cai no nosso mundão aqui de demandas e esquecemos. Então, talvez fosse legal ter algumas questões que pudessem trazer o grupo de novo. Eu sei que é complicado, mas, falando e pensando, a gente volta cheio de turbilhões e, muitas vezes, não dá continuidade, caímos na rotina. Talvez no Salão de Extensão seja possível a gente se reencontrar. Porque no Salão a gente sempre retoma contato com os projetos nas Tertúlias, e daí, quando vê, a gente se conecta de novo.

Revista da Extensão: E o Salão de Extensão? Teu projeto já esteve na Mostra Interativa de Extensão, sempre chamando a atenção. Todo mundo queria as “mudinhas” da Tatiana. Como é essa experiência?

Tatiana Duarte: A Mostra é a oportunidade de a gente dar visibilidade para o nosso trabalho, obviamente, mas às vezes a gente não consegue mostrar o impacto social que temos, porque...

Revista da Extensão: É uma vitrine, né?

Tatiana Duarte: Sim, é uma vitrine, verdade. Por causa das plantas, dos sistemas de produção. Na Mostra a gente faz esse papel. Alguém leva sua muda, faz a experiência em casa. Vários voltam no ano seguinte e comentam conosco a experiência. Um já disse “bah, vocês me deram uma muda de berinjela e nasceu um jiló”. Acontece, né? (risos). Então, só de entender que a gente promove uma atividade de agricultura urbana de

alguma forma, se esse espaço serve de vitrine para nós, tem muito valor. Os alunos aqui já começaram a produção, estaremos na Mostra de novo esse ano.

Revista da Extensão: Vai ser destaque de novo, então.

Tatiana Duarte: Não, a gente nunca ganhou destaque...

Revista da Extensão: Digo destaque como algo que chama a atenção do público, não com relação a premiação.

Tatiana Duarte: Ah, com certeza! A gente gosta disso. Eu sempre digo para os alunos, eu entendo eles, querem sempre ganhar destaque. Às vezes os estudantes entram um pouco nessa, mas eu sempre falo que o destaque que a gente tem que ter é o retorno das pessoas que a gente recebe lá, vindo conversar e trocar. Eu sei que ganhar prêmio é difícil. Nem sei se esse é o objetivo. Já ganhei destaque em outras ocasiões.

Revista da Extensão: O teu projeto ser selecionado para representar a UFRGS no SEURS 43 foi um destaque. Muitos outros projetos concorreram...

Tatiana Duarte: Com certeza. A gente também já ganhou premiação de extensão quando desenvolvemos um implemento junto a agricultores assentados para trabalhar no sistema de

plantio direto de hortaliças.

Revista da Extensão: E o teu trabalho ganhou um destaque muito grande ao criar uma árvore de Natal especial com hortaliças em 2018. Não é todo projeto que é convidado pela PROEXT para fazer algo assim. Como foi aquele episódio?

Tatiana Duarte: A gente ficou super feliz, nem acreditávamos. Num primeiro momento, a ideia era que a árvore de Natal ficasse dentro do prédio da Reitoria. Mas o pessoal imaginava que ia ter as plantinhas, e as pessoas iam pegando as mudas. Só que eles não tinham noção de que a gente é mais maluco que qualquer outra coisa (risos). Eu tinha um aluno de pós-graduação na época que me disse “professora, vamos fazer essa árvore viva”. Eu trabalho com hidroponia também. A gente já desenvolvia os leitos de cultivo em garrafa de PVC, tínhamos avançado bastante nisso. Só que eu imaginava que a árvore iria ser na parede. A gente ia fazer a água funcionar para manter elas vivas, e as pessoas iam pegando as plantas. Só que aí o pessoal disse que água no



saguão do prédio não iria dar certo, por uma série de questões - havia ali um piano de cauda etc. Nesse meio tempo a gente começou a desenvolver o projeto. Quando chegou perto do dia de instalar, os colegas da PROEXT informaram que a árvore não poderia mais ficar no saguão, e sim na frente do Centro Cultural.

Revista da Extensão: Essa mudança ajudou na visibilidade da iniciativa, não?

Tatiana Duarte: Sim, ninguém ia ver a árvore lá dentro da Reitoria. E ela era muito grande, tinha mais de três metros de altura. Só que quando houve a troca a gente se deu conta de que teria de fazer o endurecimento das alfaces. Então esse aluno vinha, pegava a mangueira, fazia como se fosse chuva, para as alfaces suportarem o sol, durante duas semanas. Porque inicialmente projetamos a árvore como se fosse ficar dentro do ambiente fechado, não ao ar livre, em dezembro. Depois ainda teve uma operação: a gente desligou todo o sistema. Saímos com as talhas de cultivo daqui da Agronomia de caminhão, e o trajeto precisava ser percorrido em menos de 30 minutos para ressuscitar as alfaces. A gente saía às cinco da tarde, no auge do pico do movimento da cidade. Era uma corrida. Chegamos no Centro a tempo, conseguimos instalar. Lembro que já era noite quando terminamos. E aí, na ponta, a gente fez um cone de alface. Todo mundo falava que era lindo. Acho que foi uma grande experiência para mim, como engenheira agrônoma. Eu me senti uma artista! Foi muito importante. A partir dali, a gente começou a pensar muita coisa. Foi uma experiência que talvez eu não tenha registrado tudo o que deu de impacto. Do que as pessoas, quando viam aquela árvore de Natal de alface no meio do campus, pensavam. Uma vez, cheguei lá e tinha um terço pendurado. Em outra, alguém tinha comido um pedaço. E não tinha problema, sabe? As pessoas diziam “meu Deus, uma lavoura no Centro de Porto Alegre!”. Isso me trouxe muitas percepções. Acho que foi uma experiência muito legal. Quando relato isso para alguns alunos de hoje, que são novos, eles se empolgam e

pedem para fazer a experiência de novo.

Revista da Extensão: Quando a gente passava e olhava aquela irrigação por dentro era mesmo incrível.

Tatiana Duarte: Quando os alunos começaram só com as garrafas, descendo a água, e o barulhinho que fazia, eles me diziam que só aquilo já estava muito legal. Mas com a alface ficou show, né? E esse meu ex-aluno ainda fez todo um cálculo matemático, quando a gente estava botando as linhas, porque inicialmente elas estavam retas. Depois é que a gente montou o cone. Ficavam as alfaces roxas em volta, que eram como as bolinhas. Pode ser que para alguns colegas agrônomos isso possa parecer uma bobagem, mas tinha muito conhecimento envolvido ali. Teve muita técnica para construir. Foi bem legal.

Revista da Extensão: Tatiana, obrigado por essa conversa conosco. Abro esse espaço para uma última mensagem que queiras deixar para os nossos leitores.

Tatiana Duarte: Para os colegas professores, quero dizer que a extensão é uma experiência fantástica. Iniciem acompanhando algum projeto. A gente aprende nesse processo também, faz parte. E certamente agrega muito: para o conhecimento, para as nossas pesquisas. E, para os alunos, eu sempre vou estimular muito. Participem de tudo que vai além de sala de aula, seja em atividades de extensão ou em disciplinas com carga horária extensionista. É uma oportunidade de retribuir para a sociedade essa formação que vocês têm aqui dentro, que é paga por todos nós, com os nossos impostos. É uma forma de retribuir e ainda aprender com a sociedade, conosco, professores, colegas. É uma prática que muitas vezes o pessoal não tem a oportunidade, então precisa ser incentivado, estimulado. Então, como mensagem, eu digo: estejam abertos, experimentem isso. Quando a gente se abre, as coisas vêm. ◀